



Experiência Quintal Vivo - resistência com e feminismo: semeando agroecologia na cidade

Quintal Vivo Experience - resistance with and feminism: sowing agroecology in the city

OLIVEIRA, Ainá da Silva¹ OLIVEIRA, Solange Aparecida²
Grupo de Mulheres Brasileiras. E-mail: 1ainaoliveira842@gmail.com e E-mail: 2aparecesol@hotmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Apresentação e contextualização da experiência

A amplitude das lutas se faz urgente, necessária e com isso as diversas metodologias, práticas e conceitos de sujeitos são visibilizadas e compreendidas no sentido de somar forças coletivas e solidárias. A diversidade nas articulações local, regional, nacional e internacional, e na nossa região, o Movimento Indígena, o Movimento dos Sem Terra, Movimento de Direitos Humanos, a Economia Solidária, enfim, todos em busca de garantia de direitos e lutando com toda resistência e resiliência contra as violações de direitos na Amazônia que atinge diretamente mulheres, crianças, homens, jovens, indígenas, ribeirinhos, quilombolas entre tantos povos da floresta. Temos na América Latina, muitas autoras estudando, referenciando diversas correntes do feminismo, (SVAMPA, Maristela. 2019. 141 p). O ecofeminismo, por exemplo, atua na luta socioambiental de diversas formas e práticas pedagógicas feministas, são muitas correntes enfrentando as mazelas do patriarcado, do capital, do fundamentalismo, do racismo entre tantas mazelas que geram violações de direitos à biodiversidade com total desrespeito a nossa Mãe Terra.

O Grupo de Mulheres Brasileiras – GMB, foi fundado em 1986 e registrado em 1998, com sede situada no bairro do Benguí – Belém – Pará. Constitui-se como entidade sem fins lucrativos. Com objetivo de contribuir na luta pela construção de sociedade solidária e democrática na perspectiva da igualdade e equidade nas relações de gênero, raça e etnia.

O GMB, inserido nessa luta há mais de 35 anos desenvolvendo projetos sociais e sempre articulados em fóruns e redes locais, nacionais e até internacional representadas, por exemplo, com AMB- Articulação de Mulheres Brasileiras, que atua em rede nos estados brasileiros e redes internacionais nas frentes de

¹ Pedagoga arte educadora

² Professora e educadora



enfrentamento a violência contra a mulher, na frente de justiça ambiental no debate direto sobre agroecologia e mudanças climáticas.

A agricultura urbana é uma prática social que confronta o atual modelo de desenvolvimento das cidades, propondo mudanças estruturais no uso dos espaços urbanos para a produção de alimentos, plantas medicinais e criação de pequenos animais nos quintais, resgatando a cultura rural nas cidades e promovendo conexão campo-cidade, buscando valorização, (re)conhecimento, visibilidade e valorização de práticas de nossas ancestrais, considerando que grande parte das pessoas que moram nas cidades tem origens das áreas rurais e profunda integração com a terra (AZEVEDO; PERXACS; ALIÓ, 2020). Durante a realização do III ENA – Encontro Nacional de Agroecologia, em 2014, foi criado o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana, visando uma articulação coletiva das iniciativas de agricultura urbana nos territórios do Brasil, com o intuito de **semear a agroecologia na cidade**.

Essa prática de partilha de receitas e histórias das plantas dos próprios terreiros, tão comum e fluida entre mulheres da Aby Ayala, é compreendida pelo GMB como uma prática de Comunicação Popular. Um modo de comunicação que passa por cantorias, cuidados com a terra, observação dos corpos, construção de redes de afeto, economia do cuidado e múltiplas táticas de (re)existência, com a habilidade de construir caminhos entre as pedras dos tabus, do silenciamento ensinado pela cultura patriarcal e do ostracismo imposto às mulheres. Encontrando brechas para se comunicar, geradas nos momentos de trabalho de cuidado com os enfermos, mulheres usaram as plantas como rede social, tecendo teias de resistência às situações de violência doméstica.

A ideia de Quintal Vivo no GMB iniciou em mentes e corações desde nossas atuações em redes na luta por justiça ambiental, que se inicia lá por 2010 e ampliou suas atividades desenvolvendo, desde 2014 com apoio da ASW – Instituição da Alemanha e executado pelas integrantes do GMB desde a elaboração do projeto, desenvolvimento e produção de relatórios, fomentando agroecologia na cidade e resistência feminista, onde já se realizava atividades em rodas de conversa estudando sobre o ciclo menstrual, fases da lua, a Caça às Bruxas enquanto evento fundante do capitalismo, como nos explica FEDERICA Silvia. Valorizando a cultura de plantar ervas medicinais e aromáticas, refletimos coletivamente sobre a indústria farmacêutica, saúde da mulher e políticas públicas. Com atividades de troca de mudas, compartilhamos, ressignificamos e registramos saberes populares tradicionais. Plantando frutíferas e ornamentais a agroecológica nos fez olhar atentas para alimentação e estética como elementos de poder que já fazem parte dos trabalhos tradicionalmente desenvolvidos por mulheres de nossa região na cura e nutrição de caminhos de mudança social em direção oposta ao sistema desenvolvimentista.



Essa movimentação foi se ampliando e reverberando em atividades de defesa e garantia dos direitos das mulheres: A Roda de Conversa do GMB foi se chegando em outros municípios; nos conectamos com a prática ancestral de economia solidária, o Potirun nos quintais das mulheres envolvidas e no quintal da Escola Estadual Cidade de Emaús; vivemos a Feira Agroecológica da Economia Solidária e Feminista no GMB, mensalmente com as empreendedoras da Região Metropolitana e alguns municípios, construindo juntas o planejamento deste espaço/ação visando a autonomia de cada mulher no sentido da comercialização de seus produtos e serviços, na busca de parceiros e implementação de políticas públicas.

Desenvolvimento da experiência

Semeando agroecologia na cidade, desenvolvendo atividades que fortalecem a agroecologia e o feminismo com implantação de quintais vivos, nos quintais da sede do GMB, das casas de mulheres e em duas escolas do Benguí, rodas de conversas, Feira da Agroecológica da Economia Solidária e Feminista entrelaçando mulheres do campo e da cidade trabalhadoras, agricultoras, artesãs, educadoras, artistas fortalecendo essas mulheres do âmbito da visibilidade e valorização de seus trabalhos e geração de renda, contribuindo na autonomia financeira e no combate à violência contra a mulher. As reflexões coletivas sobre nossas ações, nos dão a certeza de continuar na luta com nossas articulações locais, regionais e nacionais para o empoderamento das mulheres.

Soberania e segurança alimentar: Quintal vivo, troca de saberes sobre plantas medicinais.

Esse tema convida participantes jovens alunas/os da Escola E. Maria Luiza, com a professora Elizabeth Cristina Raiol e mulheres integrantes do GMB, onde atuei como facilitadora. Os que ainda não conheciam o GMB ficaram encantadas(os) ao conhecer as plantas que tinham no quintal da sede. Foi apresentado o quintal com toda sua exuberância agroecológica plantada por mulheres e jovens em 2015. Cuieira, Tamaquaré, cidreira, coqueiro, macaxeira e canarana, que sabendo qual a indicação uma jovem levou para casa com objetivo de tomar um chá, pois estava precisando. Com a prática pedagógica feminista sempre focamos nos resultados das atividades anteriores, valorizando e sistematizando cada aprendizado e cada passo. A troca foi grande, saboreando chá de Camomila e hortelãzinho, com a leitura de um poema criado pela educadora e professora Ainá Oliveira da Silva, na primeira oficina sobre Agroecologia e Feminismo realizada em 2015.

Oficina: Plantio de mudas ornamentais e medicinais

Quintal Vivo do GMB, sendo construído com muita participação e mais uma vez as/os participantes chegaram com vontade de mexer a terra, mexer misturando com adubo, mexer fazendo canteiros e mexer, e mexer mais uma vez para plantar.



Ouvindo a música Cio da Terra, de Milton Nascimento, assim se apresentando, dizendo seu nome e uma palavra ou frase que mais lhe chamou atenção na música. O objetivo da atividade é fortalecer a agricultura urbana, incluindo práticas Feministas e agroecológicas em espaços urbanos plantando de tudo um pouco: jardinagem, hortas, medicinais e até frutíferas, uma muvuca de plantas, afinal agroecologia é isso, tudo junto misturado.

Com conhecimento ancestral, popular e científico de que mexer com a terra e plantar é um excelente exercício físico, emocional, mental e espiritual, chegou a hora que estava causando tanta expectativa: mexer com a terra, de se lambuzar de terra e água. Sim, água. Tivemos muita água vinda do céu que São Pedro mandou, ele só adiantou um pouco, era para ser após o plantio, mas tudo bem, chegou na hora dela e teve quem tomou banho de chuva e quem ficou na espera de sua passagem bela e refrescante.

E com a metodologia do putirum distribuímos o grupo em equipes para carregar a terra na formação e organização dos canteiros e preenchimento das jardineiras, preparar a terra com adubo e fazer berços para receber as mudas. Até entulho para aterro funcionou como vasos, folhagens de coléus, planta ornamental e resistente, que irá embelezar Quintal Vivo, sem ter que jogar o entulho guardado para levantar o piso da nossa sede.

Durante a realização de várias oficinas contamos com as trocas de saberes, parcerias e vivências trazidas na mente de cada um/a. Outra belíssima experiência e aprendizado compartilhado foi com a Arte Educadora Aline Santana, também integrante do GMB, que trouxe a técnica de construir uma espiral onde foram plantadas as ervas medicinais. Foi uma manhã de mexe e remexe com terra, sementes, adubo orgânico e mudas com a participação de alunos das duas escolas parceiras e mulheres. Antes de iniciar a plantar, na prática de roda de conversa, trouxe reflexões sobre **Agroecologia e feminismo na resistência de luta pelos direitos à segurança alimentar**. De onde vem nossas frutas, verduras e legumes que comemos? O que tem a ver nossa alimentação com nossa saúde? Essas e outras reflexões pontuando o porquê queremos Quintais Vivos.

Cuidados e manutenção no quintal são constantes e necessários com as nossas plantas. É muito gratificante, chega a ser terapêutico com tanto envolvimento nessa ideia, jovens e mulheres juntos **praticando agroecologia urbana com resistência e conexão ancestral**. Frutos? Sim, já colhemos bastante macaxeira, mamão, agiru, abóbora, chá para cuidar de dores de muitas de nós entre uma reunião e outra. E o maior fruto, que é a disseminação da ideia, porque **"Sem Feminismo não há Agroecologia"**.

Ação do Quintal Vivo em área urbana, na Escola Cidade de Emaús e GMB com Roda de Conversa com troca de saberes e experiências sobre a relação trabalho,



sociedade e natureza. Ressaltou-se a importância de políticas públicas, e o nosso papel enquanto cidadãos e cidadãs no trato do lixo, dos alimentos, do uso das tecnologias, mas também do acesso à informação de possíveis alternativas para agroecologia urbana. Seguimos semeando afeto, (r)existência para que resulte em novas relações sociais, acolhedoras, justas, solidárias, mais humanas, cheias de potências, necessárias para um futuro possível e sustentável.

O Manejo Agroflorestal no quintal do GMB, com participação especial da agroflorestora Cleudiana Pinheiro do Carmo, do município de Maracanã, que veio participar do seminário sobre Agroecologia e Economia Solidária na resistência e articulação de nossas lutas feministas, foi baseado nos saberes da agroecologia, agricultura sintrópica e prática em sistemas agroflorestais, com manejo em algumas plantas como cueira, ajiruzeiro, coqueiros, jambeiro entre outras. Juntos acrescentaram ao Quintal Vivo, cacau, macaxeira, cajueiro, cara muela e semente de feijão de porco entre outras, associadas ao serviço de poda e adubação na linha da agrofloresta. Foi um dia de conversa e prática sobre os saberes da Agricultura Familiar, sustentável e agroecológica.

Seminário e intercâmbio agroecologia e economia solidária fortalecendo redes e saberes contra a violência e pela saúde da mulher.

O Seminário foi realizado em novembro de 2021, com a metodologia feminista girando a roda de conversa em diálogos sobre Feminismo, Agroecologia e Economia Solidária a partir das lutas feministas, tendo como debatedoras eu, feminista e educadora popular integrante do GMB e Daniela Araújo, Coordenadora da Associação das/os Extrativistas, Pescadoras/es e artesãs/ãos da comunidade de Pirocaba no município de Abaetetuba PA.

Entre viajar pelos quintais de nossas memórias, o imaginário trouxe cheiro, gosto e imagens dos quintais vivos da infância. Assim, Solange iniciou os diálogos trazendo temas sobre: Quem cuida dos quintais? Quem planta? Que tipo de plantas? Quem eram as bruxas da idade média e quem são as de hoje? Visibilidade e valorização do trabalho da mulher, Segurança alimentar, saúde, indústria farmacêutica, ervas medicinais, mudanças climáticas e agrotóxicos. O que tudo isso tem a ver com nossas vidas, nossas lutas e as violações de direitos na Amazônia e no mundo?

Na mesma roda, Daniela trouxe a experiência valorosa sobre as ações vivenciadas e praticadas pelas mulheres da comunidade de Pirocaba, como coordenadora ela traz em sua fala a importância do empoderamento das mulheres dentro das organizações sociais e que cada atividade realizada é coletiva de ampla participação, inclusive dos homens, trazendo o debate das relações de gênero na comunidade.



A troca de saberes/ intercâmbio foi intensa nesses dois dias, contando as experiências vindas de perto e de longe. Edileia Cordeiro, integrante do GMB e do GPA - Grupo de Produção Amazônia, contando a história do GPA, Marcia contando experiências do Grupo de Mulheres e Agricultoras da Rede Bragantina de Economia Solidária, de Santa Luzia do Pará Cleudiana Pinheiro contando a experiência da Agricultura Familiar Agroecológica e Sintrópica no município de Maracanã e Eliete partilhando as vivências das mulheres da horta do Emaús, hoje somadas com as "Mãos de Maria", produtoras artesãs construindo economia solidária no bairro do Bengui.

Tudo isso fortaleceu a ideia de todas que precisam expor e comercializar seus produtos. As dificuldades são tantas, e as resistências são muitas e muitas porque **“As mulheres são como as águas, crescem quando se encontram”**. Assim, ficou definido no seminário o lançamento da **Feira Agroecológica e da Economia Solidária e Feminista no GMB** dia 11 de dezembro de 2021.

Girando, girando cantando e dançando cirandas para animar elucidar nossas lutas... afinal, nossas almas, mentes e corações precisam do lúdico para suavizar nossas lutas. Agroecologia e Resistência Feminista e Economia Solidária compõe nossas lutas! A experiência de Quintal Vivo no GMB vem ampliar e fortalecer a articulação entre urbano e rural com reflexões sobre: como é a nossa relação com o meio ambiente? Que tipo de alimentos consumimos? E sobre a nossa saúde e do planeta, como está? A indústria farmacêutica, os agrotóxicos, os alimentos transgênicos, as mudanças climáticas, o mercado de carbono essas e outras reflexões são urgentes, e é nossa prática nas experiências que juntam com outras experiências fortalecendo as lutas feministas contra o racismo e o patriarcado fazendo o enfrentamento às violações de direitos. “Mãe terra cuida de nós e nós cuidamos de ti!”, Cleudiana Pinheiro.

Desafios

São grandes. Está servido na mesa uma sociedade movida pelo capital, que já nos traz inúmeros danos estruturais que se retroalimentam e por isso a luta é contínua. Tivemos uma Pandemia/Covid19 e um governo genocida agravando as situações de miséria, fome, desemprego, violência doméstica, precarização das práticas de Cultura Popular...uma conjuntura de prejuízos imensuráveis à sociedade e aos movimentos sociais. Nossos encontros presenciais sofreram um corte brusco, inflamando as dificuldades na comunicação – que, diga-se de passagem, já mostrava muitos limites e fragilidades produzidas pelo histórico sociocultural de violências inapagáveis que marcam as relações vividas no Brasil e difíceis de curar com tanto silêncio imposto às pessoas mais atingidas por essa estrutura. Triplas e quádruplas jornadas de trabalho, carência de recursos, escassez de políticas públicas, cansaços crônicos, assaltos e ataques recorrentes por anos à nossa sede... enfim, são tantos os desafios, que seguir estrategicamente e articuladas em



fóruns e redes, se torna um modo de sobreviver. De modo que sonhar com outras realidades nunca foi capricho. Vamos vencendo a cada dia e nossos passos vêm de longe.

Principais resultados alcançados

- Fortalecimentos nas articulações rural e urbano;
- Fortalecimento nas parcerias com as escolas no bairro;
- Envolvimento de outras mulheres moradoras do bairro;
- Criação de outros quintais vivos;
- Ampliação da experiência de roda de conversa itinerante em outros municípios;
- Lançamento da Feira Agroecológica e da Economia Solidária e Feminista no GMB;
- Formação e multiplicação no quadro de educadoras do GMB;

Disseminação da experiência

O grupo aprovou o projeto “Resistência e Feminismo como práticas de Bem Viver”, pelo edital “Cidades Amazônicas: floresta viva em movimento” do Fundo Dema, dando continuidade aos processos, reverberando em ações de um novo grupo de educadoras e gestoras o que foi semeado em nosso quintal vivo feito de terra e mentes férteis; parcerias com as escolas visando implantação de agrofloresta; continuidade das rodas de conversa e a Feira Agroecológica da Economia Solidária e Feminista.

Referências

AZEVEDO, Francisco Fransualdo; PERXACS, Helena; ALIÓ, Maria Àngels. **Dimensão social da agricultura urbana e periurbana**. Mercator (Fortaleza), v. 19, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

SVAMPA, Maristela. **Las fronteras dela neoxtrativismo enviado América Latina: conflitos socioambientales, giro ecoterritorial y nueva dependencias**. Alemanha: La Biblioteca Nacional Alemana, 2019. 141 p.